

REPORTAGENS

JOE SACCO

TERRITÓRIOS PALESTINOS
IRAQUE
KUSHINAGAR
A GUERRA E AS CHECHENAS
JULGAMENTOS DE GUERRA
OS INDESEJÁVEIS

Tradução
Érico Assis



*Este livro é dedicado a Paul Copley e Hal Swafford,
meus professores e amigos.*

Copyright © 2012 by Joe Sacco

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua
Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original
JOURNALISM

Revisão
RENATA DEL NERO
ADRIANA BAIRRADA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Sacco, Joe
Reportagens / Joe Sacco ; tradução Érico Assis. — 1ª ed. —
São Paulo : Quadrinhos na Cia, 2016.

Título original: Journalism
ISBN 978-85-359-2731-3

1. Guerra — História em quadrinhos 2. História militar —
Histórias em quadrinhos 3. Reportagens I. Título.

16-02844 CDD-741.5

Índice para catálogo sistemático:
1. Jornalismo em quadrinhos 741.5

2016

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 – São Paulo – SP – Brasil
Telefone: (11) 3707-3500
Fax: (11) 3707-3501
www.companhiadasletrinhas.com.br
www.blogdacompanhia.com.br

Joe Sacco



Este volume reúne a maior parte das reportagens de menor extensão que fiz nos últimos anos para revistas, jornais e antologias. Sendo assim, me parece que ele exige algum tipo de saraivada introdutória para achacar todos aqueles que se opõem à legitimidade dos quadrinhos como forma eficiente de fazer jornalismo.

Mas antes de puxar o gatilho, quem sabe a gente escute a oposição? Afinal, as objeções podem ter algum mérito. Como responder, por exemplo, quando

questionam se o desenho pode aspirar à verdade objetiva? Não é justamente da verdade objetiva que trata o jornalismo? Desenhos, por natureza, não são subjetivos?

A resposta à última pergunta é: sim. Sempre que se apresentar jornalismo na linguagem dos quadrinhos, haverá uma tensão entre as coisas que se podem verificar, como uma declaração gravada, e as coisas que não se prestam à verificação, tais como um desenho que diz representar um episódio em particular. O desenho é interpretação mesmo quando é subserviente a uma fotografia, e costuma-se entender que as fotografias capturam literalmente um momento do mundo real. No desenho, porém, não há nada de literal. O cartunista mistura os elementos a seu bel-prazer e posiciona-os na página de acordo com seus propósitos. Não existe aquela sorte do fotógrafo que capturou uma imagem no momento certo. O cartunista “captura” seu desenho no momento que quiser. É essa abertura ou licença que torna o cartunismo uma mídia inerentemente subjetiva.

Mas isso não põe por terra as pretensões dos cartunistas que aspiram ao jornalismo. Ainda valem as obrigações-padrão do jornalista — reportar de maneira precisa, ater-se às falas dos entrevistados, checar afirmações. O jornalista-quadrinista, porém, tem compromissos maiores. O repórter tradicional pode tranquilamente descrever um comboio da ONU como “um comboio da ONU” e seguir adiante com

ALGUÉM AÍ PEDIU UM MANIFESTO?

sua matéria. Um jornalista-quadrinista tem que desenhar o comboio, e nesse momento surgem várias questões. Como são os veículos do comboio? Como são os uniformes dos operativos da ONU? Como era a estrada? E o cenário de fundo?

Por sorte, não há manual de estilo que diga ao jornalista-quadrinista a que ponto deve chegar em termos de detalhamento. O cartunista desenha tendo em mente a verdade essencial, não a literal, o que permite ampla variedade de interpretações e ampla variedade de estilos de desenho. Um cartunista não desenhará um caminhão da ONU da mesma forma que outro cartunista, mesmo que os dois estejam trabalhando a partir da mesma referência.

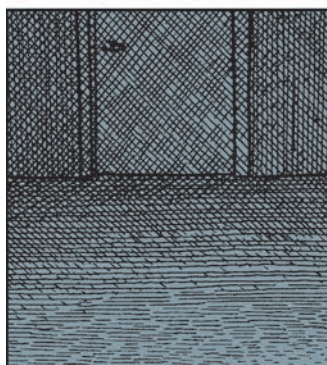
Posso apresentar aqui as minhas regras particulares no que concerne à veracidade pictórica. Tento desenhar pessoas e objetos da forma mais precisa possível, sempre que possível. No meu entender, tudo que pode ser desenhado fidedignamente tem que ser desenhado fidedignamente — e com isso quero dizer que algo desenhado deve ser facilmente identificado como a coisa real que se intenciona representar. Há desenhos, porém — particularmente cenas que ocorreram no pretérito e que eu não vi com meus próprios olhos —, nos quais sou obrigado a utilizar minha imaginação, ou, ainda, minha imaginação apoiada em pesquisas. Com isso quero dizer que tudo que eu venha a desenhar deve ter sua base nas especificações de temporalidade, lugar e situação que busco reinventar. Na terminologia

cinematográfica, o cartunista é cenógrafo, figurinista e diretor de elenco, e é provável que, para executar esses papéis com destreza, ele precise fazer pesquisas em livros, em arquivos e na internet. Quando dependendo do testemunho ocular, faço perguntas pertinentemente visuais: Quantas pessoas havia lá? Onde ficava o arame farpado? As pessoas estavam de pé ou sentadas? Quero que meus leitores pelo menos orientem-se em um momento específico, mas meu objetivo maior é satisfazer uma testemunha ocular no sentido de que minha retratação desenhada represente a essência da experiência que essa testemunha teve.

Porém, como já explicitiei, dificilmente será um trabalho imaculado. Afinal, o desenho reflete a visão do cartunista como indivíduo. Não creio, porém, que esse fato proíba que um relato desenhado entre no campo do jornalismo. Creio que é possível almejar precisão no âmbito de uma obra desenhada. Em outras palavras, os fatos (um caminhão que carregava prisioneiros vindo pela estrada) e a subjetividade (como essa cena é desenhada) podem conviver juntos — uma coisa não impede a outra. Eu, pelo menos, aceito as implicações do relato subjetivo e dou preferência a destacar essas implicações. Já que é difícil (embora não impossível) me apagar de uma história, não é algo que eu costume tentar. O resultado, em termos jornalísticos, é libertador. Como sou “personagem” da minha própria obra, me atribuo licença jornalística para mostrar minhas interações

com aqueles que conheço. Descobre-se muito sobre esses indivíduos a partir da representação do intercâmbio pessoal, o que a maioria dos jornalistas convencionais, infelizmente, subtrai de suas matérias. (As histórias que os jornalistas contam entre pares, na mesa do jantar, que geralmente envolvem interações similares, costumam ser mais interessantes e reveladoras do que as que entram no texto.) Apesar da impressão que alguns tentam passar, o jornalista não é uma mosquinha na parede, invisível e muda. Em campo, na apuração, a presença do jornalista quase sempre é relevante. Os jovens rebeldes erguem e brandem as armas quando a equipe de televisão começa a filmar, ou começam a se policiar quando o repórter faz perguntas contundentes. Ao admitir que estou presente na cena, minha intenção é sinalizar ao leitor que o jornalismo é um processo no qual defeitos e marcas de costura ficam aparentes, como se realizado por um ser humano — e não ciência executada friamente por um robô atrás do acrílico.

O que nos leva à vaca sagrada do jornalismo norte-americano, a “objetividade”. Deixo claro que não tenho problemas com a palavra em si, se o significado for apenas abordar um fato sem ter pré-concepções. O problema é que não acredito que a maioria dos jornalistas consiga abordar um fato, seja qual for sua relevância, com “objetividade”. Eu, decerto, não consigo. A jornalista norte-americana que acaba de pôr os pés na pista do aeroporto afegão não se livra de imediato do ponto de vista norte-americano nem abdica de toda pré-concepção para gravar novas observações em tábula rasa. Será que ela, de uma hora para outra, vai deixar de ver os soldados norte-americanos que acompanha como compatriotas de respeito e boas intenções, que compartilham muitos de seus



valores, e passará a percebê-los como instrumento de um estado-nação que opera segundo seus próprios interesses, o que na prática — em termos objetivos — eles são? Na melhor das hipóteses, ela tenta relatar suas ações e reações da forma mais sincera, nas quais quer que recaia sua simpatia. Como dizia o lendário jornalista norte-americano Edward R. Murrow: “Toda pessoa é prisioneira de sua experiência. Ninguém consegue eliminar seus preconceitos — mas tão somente reconhecê-los”.

Outra armadilha que se promove nas escolas de jornalismo dos Estados Unidos é a fidelidade servil ao “equilíbrio”. Mas se um lado diz uma coisa e o outro

diz outra, será mesmo que a verdade se encontra “em algum ponto entre os dois”? O jornalista que diz “bom, deixei os dois lados fulos da vida, então acho que estou no caminho certo” provavelmente está se enganando e, o pior, engana também o leitor. O equilíbrio não devia acobertar a preguiça. Caso haja duas ou mais versões dos fatos, o jornalista precisa não só explorar e avaliar cada declaração, mas também ir a fundo no relato contestado independente de quem o relata. Por mais que o jornalismo seja “o que eles disseram que viram”, ele também é “o que eu vi”. O jornalista deve empenhar-se em descobrir o que acontece e relatar, e não tornar a verdade neutra só porque houve distribuição igualitária de espaço.

Fui eu que escolhi as histórias que desejo contar, e nesta seleção devem ficar claras quais são minhas afinidades. Tenho interesse sobretudo por aqueles que raramente são ouvidos, e não creio que caiba a mim equilibrar suas vozes com as apologias bem escovadas dos que detêm o poder. Os poderosos geralmente estão muito bem servidos pela mídia massiva ou pelos órgãos de propaganda ideológica. Os poderosos têm que ser citados, é claro, mas para que seus pronunciamentos possam ser avaliados diante da verdade, não para obscurecê-la. Se acredito que o poder faz as pessoas mostrarem o que têm de pior, já observei que aqueles que ficam na ponta da miséria também não são inocentes por completo, e é isso que me empenho em reportar. Creio que o jornalista britânico Robert Fisk seja quem melhor resume a equação: “Sempre digo que os repórteres devem ser neutra e imparcialmente a favor daqueles que sofrem”.

Em resumo, a grande benesse de uma mídia inerentemente interpretativa, como é o caso dos

quadrinhos, é que ela não me deixou confinado ao jornalismo tradicional. Ao tornar difícil me ausentar de uma cena, ela não me permite fazer da imparcialidade uma virtude. Para o bem ou para o mal, a mídia dos quadrinhos é inflexível, o que me leva a fazer escolhas. A meu ver, isso faz parte de sua mensagem inerente.

JOE SACCO
Abril de 2011



HAIA

TODOS
DE PÉ!

E ficamos
todos de pé
na Sala Um
do Tribunal
Penal
Internacional
da Antiga
Iugoslávia,
em Haia,
Países
Baixos,
para este
momento
solene:

JULGAMENTOS de GUERRA

Isto aqui,
meu querido,
é História com
H maiúsculo,
o primeiro
julgamento
internacional
por crimes de
guerra desde
que a corte de
Nuremberg
botou em
cana Goering,
Hess e outros
tipinhos...

Escrito e
desenhado por
JOE SACCO (c)
1998; cores de
RHEA PATTON

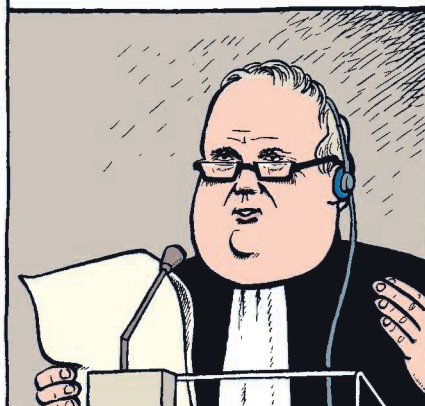
Mas os juízes
que hoje
adentram o
recinto não
carregam o
imponente
martelinho
que vai
tripudiar
sobre inimigo
já vencido...

Eles vêm
encarregados
pelas Nações
Unidas de
classificar
os crimes e
atrocidades
cometidos por
todos os lados
na recente
Guerra dos
Balcãs.

O único outro momento em que já estive num tribunal
foi para assistir a um amigo se defender de uma
multa de trânsito. Mas o réu da petição preliminar
de hoje, o Dr. Milan Kovacevic, diretor de um hospital
sêrvio-bósnio, está bem mais encrencado...

Genocídio: Atos que se cometem
com o intuito de destruir, total
ou parcialmente, um grupo
étnico, religioso ou pertencente
a uma nação...

A acusação diz que Kovacevic teve papel
central na criação dos famosos campos —
“centros de transição”, como uma vez
os chamou — onde ficaram muçulmanos
e croatas depois que os sérvios os
expulsaram da região de Prijedor, no início
da Guerra na Bósnia...



O tribunal já havia ouvido o que aconteceu naqueles campos durante o julgamento de Dusko Tadic, um sêrvio-bósnio ex-instrutor de caratê...

Uma sequência de testemunhas descreveu as condições de subsistência...

... os interrogatórios, a matança...

... e os casos de assédio sexual...

P: "O SENHOR FOI COAGIDO A LAMBER O TRASEIRO DO OUTRO, SR. H?"

"SIM"

P: "O SR. G FOI COAGIDO A ENGOLIR O PÊNIS DO OUTRO?"

"SIM"

P: "A SEGUIR, O SR. G FOI COAGIDO A MORDER OS TESTÍCULOS DO OUTRO?"

"SIM"

E então o Sr. G arrancou o testículo do outro.

**MORDE!
MORDE MAIS!
MORDE MAIS!**

Fikret Harambasic, a vítima, não foi o único muçulmano a sofrer brutalidades naquele dia. Testemunhas viram corpos ensanguentados, um homem sendo talhado "como se fosse uma peça de carne". Mas o tribunal disse que não havia prova das mortes. Destacou, contudo, que quatro dos agredidos, incluindo Harambasic, nunca mais foram vistos.

Após a guerra, antes de ser capturado por soldados britânicos, o Dr. Kovacevic contou a um jornalista...

O QUE FIZEMOS FOI IGUAL A AUSCHWITZ E DACHAU, MAS FOI UM ERRO.

O PLANO ERA CRIAR UM CAMPO. MAS NÃO UM CAMPO DE CONCENTRAÇÃO

Um de seus advogados, Anthony D'Amato, professor de Direito da Northwestern University, me disse que Kovacevic queria ter se afastado do conselho que supervisionava a operação, mas...

DISSERAM QUE ELE IA SER FUZILADO.

ELE OUVIU FALAR DAS ATROCIDADES NOS CAMPOS.

ELE NÃO QUERIA MAIS ENVOLVIMENTO NAQUELE NEGÓCIO.